



**SNCT
2025**

**Semana Nacional De Ciência
e Tecnologia**

Planeta Água: a cultura oceânica para enfrentar
as mudanças climáticas no meu território



CompartilhArte
Semana de Arte
e Cultura



**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina
Câmpus
Florianópolis

CONFEÇÃO DE CADERNOS SELVAGENS COMO ARTEFATOS PEDAGÓGICOS EM UM CURSO INTRODUTÓRIO EM BIOLOGIA : UM RELATO DE FORMAÇÃO E DE EXPERIÊNCIAS

Camila Geremia | geremiacamila@gmail.com

Julian Nunes Astier | julianwastier@gmail.com

Jhillari Parra | jhillaripn2003@gmail.com

Simone Gonçalves Assunção | simonemondo@hotmail.com

Eduardo Silveira | eduardosilveira@ifsc.edu.br

RESUMO

As emergências climáticas, como por exemplo a questão da subida do nível do mar, demandam mudanças profundas em nosso modo de coabitar no mundo. Nesse relato, elaboramos nossos encontros com Bactérias, Protistas, Animalia, Plantae, Fungi e Vírus, pela interface da Cadernos Selvagens. Este relato de experiência parte de uma proposta realizada no quadro do curso de Fundamentos Biológicos, elaborada e ministrada pelo professor Eduardo Silveira, durante a formação técnica subsequente em Meio Ambiente do IFSC, câmpus centro de Florianópolis, durante o primeiro semestre de 2025. Com esse Resumo Expandido, defendemos a necessidade de continuar e multiplicar as aulas-oficinas onde artes e ciências possam dialogar. Durante essa série de encontros, o professor Eduardo possibilitou diálogos multiespécies, de forma transdisciplinar, aliando ciências, filosofia e artes (literárias, visuais, musicais...). Nosso objetivo aqui foi refletir sobre a potência de fortalecer diálogos entre artes e ciências, tanto no âmbito pedagógico quanto na pesquisa, em particular quando se trata de Meio Ambiente. De que forma a arte pode impactar nossa percepção dos territórios que habitamos e a forma como interagimos com o resto da biosfera? Essa experiência pedagógica expandiu nossas percepções do mundo, em um nível ontológico, e a aprendizagem da biologia ganhou encantos.

Palavras-chave: Arte Educação, Meio Ambiente, Cadernos Selvagens.

1 INTRODUÇÃO

Iniciativas que articulam às Artes ao Meio Ambiente têm se tornado bastante comuns nos últimos anos. Para além de abordagens que buscam utilizar a arte como ferramenta para se trabalhar educação ambiental ou como forma de conscientização, cada vez mais, artistas de diferentes linguagens, têm encontrado nas produções artísticas, formas consistentes e bastante potentes de discutir, problematizar e pensar o Meio Ambiente e as urgências ambientais que têm se colocado nas últimas décadas. Nesse sentido, pode-se destacar, por exemplo, os trabalhos de Hugo Fortes (2003) com a instalação **Pirapora** que se relaciona diretamente com a poluição do Rio Tietê na cidade de Pirapora, em Bom Jesus. O nível de poluição do rio é representado por uma instalação na forma de uma série de aquários: em estagnação, fragmentado, onde se acumularam depósitos esbranquiçados. O artista expõe a anatomia do rio desde sua profundidade, colocando seu nível de poluição em evidência pela transparência do vidro. Como no caso desta instalação, queremos entender de que forma a arte pode impactar nossa percepção dos territórios que habitamos e a forma que interagimos com o resto da biosfera? O dispositivo dos cadernos selvagens foi de alguma forma uma janela sobre nosso Planeta Água, e seus diversos habitantes. Este resumo expandido tem como objetivo compartilhar a experiência de Camila Geremía, Julian Nunes, Jhillari Parra e Simone Gonçalves do Curso Técnico Subsequente em Meio Ambiente, que participaram da disciplina de Fundamentos Biológicos elaborada pelo Professor Eduardo Silveira no IFSC, Câmpus Florianópolis, Ilha do Desterro, durante o primeiro semestre de 2025. Ao longo deste relato, o foco é compartilhar nossas experiências sobre a criação de cadernos selvagens. A proposta foi inspirada num projeto editorial possuindo o mesmo nome, orientado pela Dantes Editora (Selvagem Ciclo). Compartilhar nossos relatos será a ocasião de evidenciar a potência das aulas-oficinas que juntam ciências com artes, em específico no Curso Técnico Subsequente em Meio Ambiente. A construção de ideias pedagógicas que tenham como fundamento o diálogo com a arte, parece ter o potencial de ampliar os repertórios dos estudantes e articular os conhecimentos científicos a outras camadas de significação que muitas vezes acabam sendo deixadas de lado ao longo da trajetória formativa. Assim, dimensões sensíveis e relacionadas a um olhar mais amplo para o mundo podem ser potencializadas quando a arte torna-se protagonista em sala de aula.

2 NARRATIVA DO PROCESSO

Durante a disciplina Fundamentos Biológicos, vivemos uma experiência muito enriquecedora, especialmente por conta da proposta do professor de unir a arte ao aprendizado científico. A confecção do caderno tinha como objetivo estabelecer



entradas que dialogassem com os cinco reinos do mundo vivo (Plantae, Animalia, Bacteria, Fungi, Protista) e os Vírus. Ao longo do semestre, o professor Eduardo Silveira compartilhou conosco, referências visuais, musicais, literárias e filosóficas que foram alimentando nossa inspiração, discussões e questionamentos, como por exemplo, com **A vida é selvagem** do Ailton Krenak, 2020. No início não foi simples observar nosso entorno, e percebê-lo genuinamente. Pode ser angustiante, pois a natureza parece cada vez mais alheia a nós, nas cidades. Isso fez-nos questionar para onde estamos indo se cada vez estamos mais distantes do que é verdadeiramente indispensável. Transitar por essa disciplina exigiu atenção, curiosidade e sensibilidade; atividades simples ganharam significado, entrelaçando pesquisas científicas com expressão artística. Por meio de jogos (por exemplo: imaginar nomes de espécies inventadas, inspiradas pelas ilustrações da Verônica Spneda, 2021), e exercícios de escrita criativa (por exemplo: “como entrar em estado de árvore?” – questão inspirada num poema de Manoel de Barros, 2000), fomos trabalhando nossa relação com organismos de diferentes escalas, dimensões, e não apenas como objetos de estudo, mas também como agentes, que fazem parte da biosfera junto com a nossa espécie. Essa forma de ensino da biologia nos deu a perceber uma teia de interconexões e interdependências entre todos os seres vivos e não vivos. Ao mesmo tempo que fomos compilando e associando informações sobre os diferentes reinos, o professor Eduardo Silveira nos convidou a coletar materiais como folhas, gravetos, pétalas, imagens para compor os corpos dos cadernos.

Um momento importante para iniciar a confecção foi a oficina no laboratório de Artes que foi realizada com a parceria da professora Valeska Bernardo. Experimentamos diferentes técnicas de encadernação e material foi disponibilizado (papéis, revistas) assim como uma gelatina de agar-agar para podermos carimbar folhas com tinta acrílica. Todo o processo despertou em alguns de nós, uma sensação de reconexão com o prazer criativo. Ao representar artisticamente os seres vivos e suas interações, pudemos compreender melhor as relações entre os diferentes reinos e, ao mesmo tempo, resgatar práticas artísticas que para alguns estudantes da turma tinham sido deixadas de lado.

3 SÍNTESE E CONCLUSÃO

A biologia, que muitos veem como abstrata e sem encanto, transformou-se em experiência sensível: conversar com plantas, perceber padrões em fungos e vegetais, observar o mundo microscópico como bordados e constelações, integrar o cotidiano e os territórios no ensino da ciência. Para algumas de nós, a relação com arte se intensificou durante o curso. Segundo vários relatos, a atividade nos remeteu à infância, um período em que a imaginação e a criatividade fluíam com mais leveza. Cada aula foi um convite para perceber o visível e o invisível à nossa volta. Trabalhar com cores,



formas e composições nos permitiu relacionar com o conhecimento de forma profunda e duradoura. O caderno selvagem tornou-se, assim, suporte e registro do aprendizado artístico-científico. As (nossas) experiências quotidianas de interações com o Meio Ambiente se consolidaram na confecção dos Cadernos Selvagens: diários manuais com folhas reaproveitadas, misturando textos, fotografias, mostruários de materiais naturais e receitas caseiras. Esses cadernos registram o cotidiano, a biologia e práticas artísticas, desfazendo barreiras entre ciência, arte e vidas. O dispositivo nos estimulou a elaborar melhor alguns conceitos e buscar formas de sintetizar conhecimento por símbolos. Além de aprender sobre a biologia e a diversidade da vida, sentimos que também aprendemos sobre nós mesmos. A experimentação artística possibilitou em alguns casos enfrentar os impactos causados pelas mudanças climáticas na nossa saúde mental, como por exemplo por ajudar a canalizar e transformar alguma ansiedade climática. O que se denota da série de Cadernos Selvagens que foram produzidos é que eles nos permitiram nos deslocar do dualismo entre cultura e natureza, abarcando entre as páginas de papel, elementos naturais literalmente costurados com práticas culturais. Os cadernos selvagens foram uma experiência de reencontro. Teve lágrimas e risos, foi aquecedor. Conectar com as nossas lembranças e nossa essência, deixar de lado a nossa visão do mundo antropocêntrica, nos proporcionou uma perspectiva onde o humano não é o centro, pelo contrário, formamos parte de uma incrível teia de vida onde tudo está interconectado, assim como também, nos mostrou a importância de preservar todas as formas de vida. Foi uma experiência que integrou ciência, artes e educação ambiental, tornando o aprendizado lúdico e significativo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.17.

CORREA Velloso Mayra, SAMPAIO (de) Shaula Maíra Vicentini, BORJA Beatriz França. Experimentações pedagógicas com “ervas daninhas”: semeando currículos-multiespécies. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Niterói, RJ, Brasil, v. 16, n.1, p. 1147-1166, 2023.

FORTES Hugo, **Pirapora (River Series)**, Instalação com água, vidro, argila e giz. 2003, Memorial da América Latina.

KRENAK, Ailton. **A Vida é Selvagem**. São Paulo : Ciclo Selvagem. 2020.

Selvagem Ciclo, 2025. Disponível em : <<https://selvagemciclo.org.br/cadernos/>>. Acesso em: dia 08 de outubro de 2025.

SPNELA, Verônica. **Quimera-radar**. 2021. Caneta sobre papel de algodão.